

# releituras vitruvianas no século xvi: a autoridade dos antigos e a consolidação da nova arquitetura

vitruvian reinterpretations in the 16th  
century: the authority of the ancients and the  
consolidation of the new architecture

leandro manenti<sup>1</sup>

## resumo

O texto aborda a trajetória do tratado de Vitruvius, *De Architectura*, escrito no século I a.C., através dos séculos seguintes até sua ampla difusão e diversidade de releituras no século XVI, quando ganha suas versões impressas, ilustradas, comentadas e traduzidas. Procura-se demonstrar o papel importante desse processo de releitura na consolidação de uma arquitetura nova, o qual contou com uma rede de intelectuais e artistas envolvidos na sua compreensão, e que resultou na construção de um campo disciplinar próprio da arquitetura, alinhado ao seu tempo, apoiado por distintas interpretações do texto vitruviano. Para tal, retoma-se a trajetória da difusão e publicação do tratado, assim como da rede constituída para este fim, a qual envolveu uma diversidade grande de estudiosos, chegando à publicação dos tratados novos de arquitetura.

## palavras-chave

Tratados de arquitetura; Vitruvius; Século XVI.

## abstract

The text addresses the trajectory of Vitruvius' treatise, *De Architectura*, written in the 1st century BC, through the following centuries until its wide dissemination and diversity of reinterpretations in the 16th century, when it gained its printed, illustrated, commented and translated versions. It is sought to demonstrate the important role of this process of reinterpretation in the consolidation of a new architecture, which had a network of intellectuals and artists involved in its understanding, and which resulted in the construction of a disciplinary field of architecture, aligned with its time, supported by different interpretations of the Vitruvian text. To this end, the trajectory of the dissemination and publication of the treatise is resumed, as well as the network created for this purpose, which involved a great diversity of scholars, leading to the publication of new architectural treatises.

## keywords

Architectural treatises; Vitruvius; XVIth Century.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail:

O tratado *De Architectura*, do arquiteto romano Vitruvius, é um texto referencial para toda a teoria da arquitetura ocidental. Amplamente debatido, os estudos sobre o texto se confundem com o próprio desenvolvimento da teoria da arquitetura, sendo seus princípios reinterpretados, reafirmados e refutados por inúmeros autores. Mesmo contemporaneamente, o texto segue sendo estudado, e houve muitos avanços na sua compreensão a partir da segunda metade do século XX<sup>2</sup>.

Um dos momentos históricos mais relevantes para os estudos vitruvianos se deu no século XVI, quando o texto passou a circular de maneira facilitada, por meio das impressões tipográficas, e, sobretudo, pelo interesse crescente dos humanistas na compreensão da cultura antiga. Assim, este trabalho procura, de forma abrangente, traçar um panorama da difusão do texto vitruviano, retomando a circulação manuscrita e focando-se nos esforços do *cinquecento* para compreender, comentar, ilustrar e traduzir o texto. Busca-se desenvolver a ideia de que, para além desses esforços, o objetivo final era a consolidação de uma nova arquitetura, que se apoiava na autoridade dos princípios antigos, mas propunha soluções alinhadas com seu tempo, e que, em seguida, tornaram-se referências. O desenvolvimento do estudo se dá pela retomada cronológica das publicações e pela caracterização da rede ampla de estudos que se formou ao longo do século XVI, em Roma, através das academias.

## O TEXTO E O CONTEXTO

Vitruvius foi um arquiteto romano que viveu no século I a.C., autor do tratado sobre arquitetura intitulado *De Architectura*, escrito entre 35 a.C. e 25 a.C.<sup>3</sup> Sua biografia é motivo de estudo e debate até hoje, por conta da escassez de fontes a seu respeito, muito embora ele próprio nos conte sobre sua trajetória e suas percepções sobre o tempo de transformações que vivenciou. Vitruvius atuou junto às tropas de Júlio César em campanhas militares, o que lhe permitiu vivenciar experiências fora de Roma, assim como presenciou os períodos conturbados e de guerra civil que sucederam a ascensão de Júlio César a ditador e seu assassinato, bem como a campanha que levou Otávio ao poder, sendo tornado Augusto, a quem Vitruvius dedica o tratado<sup>4</sup>.

O ambiente no novo regime em implantação por Augusto é visto como desafiador por Vitruvius<sup>5</sup>. O ímpeto construtivo do novo governante, que tem como objetivo transformar as construções em tijolos, tipicamente republicanas, com caráter utilitário, em construções luxuosas revestidas de mármore, é visto com preocupação pelo velho arquiteto. Os valores ciceronianos de comedimento e bom senso na vida pública<sup>6</sup>, os quais Vitruvius compartilha, estão sendo abandonados por uma política de valorização da figura pública do imperador. O ambiente profissional de arquitetura em Roma se vê transformado por jovens arquitetos, com pouco tempo de experiência, e por profissionais

<sup>2</sup> Ver TAVARES, André. *Vitruvius Without Text: The Biography of a Book*. Zürich: gta Verlag, 2022.

<sup>3</sup> Sobre a datação do texto, ver FLEURY, Philippe. Introduction. In: VITRUVIUS. *De L'architecture*. Livre I, texte établi, traduit et commenté par Philippe Fleury. Paris: Les Belles Lettres, 2003. p. XVI-XXIV.

<sup>4</sup> VITRUVIUS. *Tratado de Arquitetura* (traduzido por M. Justino Maciel). Lisboa: Ist Press, 2006. p.29-30

<sup>5</sup> Elisa Romano situa Vitruvius como vivendo entre uma época e outra e um intelectual não integrado. ROMANO, Elisa. *La capanna e il tempio: Vitruvio o dell'architettura*. Palermo: Palumbo, 1987. p. 43-45.

<sup>6</sup> A questão da autoria em arquitetura é abordada em MANENTI, L. Auctoritas & Fama: reflexões sobre o reconhecimento do arquiteto na sociedade antiga a partir do texto vitruviano. *PosFAUUSP*, [S. l.], v. 30, n. 57, p. e203179, 2023.

estrangeiros itinerantes<sup>7</sup>, que se proliferam, nas palavras de Vitrúvio<sup>8</sup>, naquele momento, botando em risco os valores tardo-republicanos.

Neste contexto, o experiente e já idoso arquiteto, acostumado ao exercício prático da profissão, decide romper o silêncio e escrever um tratado sobre como deveria ser a boa arquitetura. Educado pelos pais, fluente em latim e grego, com passagens e visitas a diferentes lugares do universo romano, Vitrúvio reúne muitas fontes escritas e observações de edifícios, e organiza um corpo disciplinar a respeito da arquitetura. Organizado em dez livros, o tratado apresenta a formação de um arquiteto, que não é feita de uma hora para outra, segundo ele, e os preceitos da boa arquitetura, organizando os conhecimentos por tópicos, sendo as maiores subdivisões, os três âmbitos da arquitetura: a edificação, a gnomônica e a mecânica. A edificação ganha maior espaço, ocupando oito livros, nos quais são abordadas obras públicas e privadas. Os templos ocupam dois destes livros, pois são, segundo ele, os edifícios onde se pode errar menos<sup>9</sup>, servido suas regras de parâmetro para os demais edifícios, que podem ser mais abertos a variações. O sistema vitruviano para os templos aborda a arquitetura a partir de leituras de tratados anteriores, como os textos de Hermógenes, amplamente citado por ele, embora hoje perdido. Hermógenes seria o responsável pela sistematização de algumas das ordens (gêneros de colunas, para Vitrúvio) que tem em sua base um sistema modular, em que a partir de uma parte componente do edifício, todas as demais são dimensionadas, criando-se uma harmonia matemática entre as partes e o todo, base para o conceito de *symmetria* adotado por Vitrúvio<sup>10</sup>.

Porém, a abordagem vitruviana não prevê apenas regras matemáticas, introduzindo o conceito de *eurythmia*, Vitrúvio contrapõe às regras a noção de belo aspecto, considerando que as formas devem ser ajustadas a uma percepção ótica adequada, considerando o ponto de vista do observador e seu deslocamento<sup>11</sup>. Esse refinamento, de certa maneira ambíguo entre regra e ajuste óptico, foi um dos principais pontos de debate e incompreensão do texto vitruviano em tempos posteriores.

Entretanto, como mencionado acima, o tratado não aborda apenas a temática da arquitetura, trazendo percepções e pensamentos do autor. Estes outros temas são abordados nos dez prefácios que, muito além de apresentar os assuntos de cada livro, dedicam-se a outros assuntos, fazendo o uso de parábolas ou mesmo de pequenas histórias recolhidas nesses anos de experiência. Fica evidente, nessas passagens, sua crítica aos profissionais pouco experientes e ao próprio contratante, Augusto, e seu ímpeto por luxo e grandeza, ao mesmo tempo que se percebe o propósito de se colocar como um *exempla*, já que foi merecedor de uma comenda financeira, por intermédio da irmã do imperador, a qual lhe garante uma velhice sem medo da pobreza, como ele diz<sup>12</sup>.

Sendo um texto crítico à arquitetura pública praticada e incentivada pelo Império, não é de se estranhar a pouca repercussão que o texto tem nos séculos seguintes e, nem mesmo, as poucas menções ao autor em outros textos romanos posteriores<sup>13</sup>. Sem esquecer

<sup>7</sup> Cf. Pierre Gros. Un problème de la science hellénistique: le changement d'échelle. In : Vitruve et la tradition des traités d'architecture: Frabrica et ratiocinatio. Rome : Publications de l'École française de Rome, 2006.

<sup>8</sup> VITRÚVIO. Op. cit., p. 361.

<sup>9</sup> Ibidem p. 110.

<sup>10</sup> Sobre o sistema modular, ver MANENTI, Leandro. The operational concepts in the Vitruvian system of design. *Revista Archai*, [S. l.], n. 26, p. e02605, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/24218>. Acesso em: 28 feb. 2024.

<sup>11</sup> Sobre a relação *symmetria* e *eurythmia*, ver MANENTI, Leandro. Integridade e Harmonia: princípios de beleza em Vitrúvio e Alberti. In: Mário Henrique Simão D'Agostino; Francesco Furlan; Andrea Loewen; Ana Paula G. Pedro. (Org.). *Leon Battista Alberti: Humanismo e racionalidades modernas*. 1ed. São Paulo: Annablume, 2020, v. , p. 141-170.

<sup>12</sup> VITRÚVIO. Op. Cit. p. 29.

<sup>13</sup> Segundo Fleury, apenas cinco a ele são encontradas em textos antigos. FLEURY. Op. Cit., p. IX-XVI.

a dificuldade natural de circulação dos textos manuscritos, dependentes de copistas, sendo um texto técnico, com termos próprios da profissão, alguns em grego, pouco difundidos, e, possivelmente obtidos de segunda mão pelo autor<sup>14</sup>, o que coloca em dúvida se ele próprio tinha a mesma compreensão destes termos que os autores de suas fontes. Por conta disso, os séculos seguintes viram surgir versões diferentes<sup>15</sup>, pela corrupção dos termos copiados, o que somado à perda por completo dos desenhos originais, levou o texto a uma circulação restrita<sup>16</sup> e dificuldades de compreensão no tardo-império e no medievo<sup>17</sup>.

## UM INTERESSE RENOVADO

O olhar renovado para o passado, construído ao longo dos séculos XIII e XIV a partir de autores como Petrarca e Boccaccio e artistas como Giotto, promoveu um interesse crescente pelas obras textuais e vestígios romanos. Nesse contexto, entre muitas outras obras, o texto de Vitrúvio é revisitado<sup>18</sup> e difundido no ambiente do *quattrocento* a partir de cópias medievais, que incluem, também, a alardeada descoberta do manuscrito completo por Poggio Bracciolini em 1416, quando realizava pesquisas e buscas por textos antigos nos mosteiros do sul da Alemanha, enquanto acompanhava o Concílio de Constança, por ser secretário papal.

A volta à circulação de manuscritos se inicia entre os humanistas, para em seguida, também, interessar os artistas e arquitetos, como Ghiberti. Muitos desses deixaram comentários sobre a obra e suas interpretações, haja vista a dificuldade de compreensão do texto. Porém, entre estes primeiros interessados no texto vitruviano, destaca-se o trabalho de Leon Battista Alberti. Humanista de família florentina, nascido no exílio, Alberti foi educado em Veneza, Pádua e Bolonha, e trabalhou em Roma entre 1432 e 1434, quando teve contato com outros humanistas e, possivelmente, seus estudos sobre Vitrúvio se iniciam neste período. Entre 1434 e 1443, acompanhou a corte papal em concílios em Florença, Bolonha e Ferrara, onde tomou contato com outros artistas e arquitetos com Brunelleschi. Em seu retorno à Roma, a partir de 1443, seu interesse pela arquitetura aumenta, possivelmente pelos trabalhos de recuperação da cidade promovidos pelo Papa Nicolau V, para quem trabalhava. A partir desse momento, também, estima-se que ele tenha dado início à escrita de seu tratado de arquitetura, o qual vai trabalhar e revisar até sua morte, em 1472.

O tratado albertiano, intitulado *De re aedificatoria*, guarda uma série de paralelos com o tratado de Vitrúvio<sup>19</sup>, embora se constitua em uma obra completamente nova e original, considerado o segundo livro referência para a teoria da arquitetura. Em seu tratado, organizado também em dez livros e escrito em latim, Alberti menciona Vitrúvio em diversas passagens, dialogando com seus princípios, porém construindo uma teoria própria, sem repetir termos vitruvianos, estabelecendo temas importantes como a distinção entre lineamentos e matéria, assim como a concepção de beleza assentada na noção de *concinntas*,

<sup>14</sup> Cf. GROS, Pierre. *Vitruve: l'architecture et sa théorie, à la lumière des études récentes: Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, II, 36, 1, Berlin, New York, 1982, p. 659-695.

<sup>15</sup> Sobre as famílias de manuscritos, ver FLEURY. Op. Cit., p. LIII-LXII.

<sup>16</sup> Cf. KRINSKY, Carol Herselle. Seventy-Eight Vitruvian Manuscripts. In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*. Vol. 30. The Warburg Institute, 1967. p. 36-70.

<sup>17</sup> Kruft aponta influências do texto vitruviano na arquitetura carolínea e otomana. KRUF, Hanno-Walter. *A history of architectural theory from Vitruvius to the present*. New York: Princeton, 1994. p. 30-39

<sup>18</sup> Segundo Kruft, pode-se assumir que Petrarca consultou o texto e que Boccaccio possuía um manuscrito. Ver KRUF. Op. Cit. p. 39.

<sup>19</sup> Ver MANENTI. Op. Cit. p. 141-170.

ou harmonia suprema, na qual nada pode ser alterado em uma obra sem que seja para pior. Sobre a dificuldade de compreensão do texto vitruviano, Alberti comenta:

Na verdade, penalizava-me que, devido aos maus tratos dos tempos e dos homens, tivessem perecido tantos monumentos literários e tão insígnies, a ponto de termos como único sobrevivente de tamanho naufrágio apenas Vitruvius, autor sem dúvida competantíssimo, mas de tal modo danificado e mutilado pelo tempo, que em muitos passos são muitas as lacunas e em muitos outros são muitíssimos os aspectos que deixam a desejar. Acrescia que a expressão não é cuidada: escreve, com efeito, de tal modo que os latinos palpitam que ele pretende fazer crer que falava grego, e os gregos que falava latim; porém, esta questão, considerada em si mesma, prova que ele não foi latino nem grego, de tal modo que, para nós, resulta como se não tivesse escrito quem escreveu de forma a não o entendermos.<sup>20</sup>

Na continuidade do século XV, outros tratados de arquitetura começaram a circular, como os escritos por Antonio Averlino, auto-intitulado Filarete, escrito nos primeiros anos da década de 1460, e por Francesco di Giorgio, cujos escritos datam das décadas de 1470 e 1490. Porém, todos esses ainda com circulação restrita por se tratarem de manuscritos. Somente ao final do *quattrocento* é que a impressão tipográfica vai trazer uma maior difusão dos textos arquitetônicos, começando, justamente, por Vitruvius, que ganha a primeira impressão em 1486, em Roma, por Giovanni Sulpicio (figura 01). Como aponta Kruft<sup>21</sup>, esta primeira impressão foi realizada a partir da compilação de diferentes manuscritos disponíveis, e apresenta um texto com diversas corrupções, sendo essa impressão replicada, ainda, em Veneza, em 1495, e Florença, em 1496. A dificuldade de compreensão do texto, embora naquele momento já disponível para um público maior, ainda permanece, e os esforços de compreender, comentar, ilustrar e, posteriormente, traduzir, ainda são desafios.

## O ESTUDO SISTEMÁTICO DE VITRÚVIO NO SÉCULO XVI

A partir das primeiras impressões, no final do século anterior, o século XVI vai presenciar dois momentos importantes relativos a estudos vitruvianos, cada qual com, aproximadamente, 20 anos de duração. O primeiro, entre a virada e 1520, antecedendo o saque de Roma de 1527, e um segundo momento, correspondendo ao período entre 1535 e 1555.

Nas duas primeiras décadas do século, destacam-se os papados de Júlio II e Leão X. Embora com características distintas, ambos promoveram uma série de obras no sentido de renovação da cidade de Roma e agregaram artistas e intelectuais ao seu entrono, promovendo, também, os estudos vitruvianos. Júlio II, cujo pontificado durou de 1503 a 1513, teve ao seu lado Bramante, que capitaneou o programa construtivo papal, com obras importantes como o Tempietto, iniciado em 1502, o pátio do Belvedere, em 1504, e a Basílica de São Pedro, em 1505, obras com características monumentais que começam a transformar a cidade de Roma. Bramante desenvolveu essa arquitetura a partir de seu olhar para as ruínas, inclusive promovendo a destruição de algumas “inadequadas”, assim como para os textos antigos.

Já no pontificado de Leão X, que durou de 1513 a 1521, o número de arquitetos envolvidos no programa construtivo papal se ampliou. Roma, naquele momento, contava com a presença de Rafael Sanzio, Giuliano da Sangallo, Antonio da Sangallo, o jovem,

<sup>20</sup> ALBERTI, Leon Battista. *Da arte edificatória* (traduzido por Arnaldo Monteiro do Espírito Santo e comentado por Mário Júlio Teixeira Krüger). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. p. 374.

<sup>21</sup> KRUFF. Op. Cit. p. 66



Jacopo Sansovino, Baldassare Peruzzi e Giulio Romano, entre outros. Muitos projetos se realizam, inclusive privados, com palácios urbanos e vilas suburbanas, como a Villa Madama, encomendada pelo Cardeal Giulio de Médici, futuro Papa Clemente VII, em 1518. O pontificado de Leão X ainda se caracterizou pelos primeiros esforços no sentido de levantamento e compreensão das ruínas romanas, sendo o tema abordado na famosa carta redigida por Rafael e Baldassar Castiglione a Leão X<sup>22</sup>.

Nesse contexto, aparece a primeira edição ilustrada de Vitrúvio, em 1511, elaborada pelo monge e intelectual, Fra Giocondo (figura 02). Suas ilustrações para algumas passagens do tratado serão referência para os estudos vitruvianos, perpetuando-se na memória coletiva a respeito do texto. Entretanto, é em 1521, culminando esse primeiro ciclo, que é publicada a edição traduzida e ilustrada de Cesare Cesariano, um pintor e arquiteto milanês (figura 03). Esta edição, realizada em Como, foi a responsável por ampliar o público com acesso ao texto, por conta da tradução, e ilustrar mais passagens do tratado, incluindo, também, a exemplificação dos preceitos vitruvianos em obras daquele tempo, como o Duomo de Milão.

O saque de Roma, de 1527, interrompe por um tempo os esforços e a cidade presencia à destruição parcial de algumas obras, como a própria Villa Madama de Rafael, cujo proprietário, agora Papa Clemente VII, assiste ser incendiada do alto do Castelo Sant'Angelo, onde se refugiava. O período logo após o saque trouxe a evasão de vários arquitetos, que buscaram refúgio nas cidades do norte da península, principalmente.

Passado o período de instabilidade, com a entronização de Paulo III, cujo pontificado foi de 1534 a 1549, os esforços construtivos e de estudos sobre a arquitetura do passado ganham novo impulso, correspondendo esse ao período de maior concentração de estudos vitruvianos no século, e possivelmente um dos momentos mais profícuos já verificados sobre este assunto.

De início, em 1534, Giovanni Battista Caporali apresenta uma nova tradução dos primeiros cinco livros, apresentando comentários e ilustrações, que conforme Kruft<sup>23</sup>, trazem uma crítica ao trabalho de Cesariano. Em 1541, Pedro Nunes, matemático português teria realizado uma tradução para o português, porém a obra se perdeu.

Entretanto, o grande avanço dos estudos vitruvianos vai acontecer através da liderança do próprio Papa Alessandro Farnese, Paulo III, o qual estabeleceu uma rede de intelectuais com vistas a promover estudos sobre os textos e as obras antigas, organizando academias. Dentre essas academias, a *Accademia de lo Studio de l'Architettura*<sup>24</sup>, que funcionou em Roma entre 1530 e 1555, reuniu muitos estudiosos, mais de 165 pessoas, segundo Bernd Kulawik<sup>25</sup>, incluindo humanistas, poetas, linguistas, arquitetos, pintores, estatuarios, antiquários, entre eles os cardeais Marcelo Cervini, futuro Papa Marcelo II, Bernardino Maffei e Hipólito de Médici, os humanistas Claudio Tolomei, Luca Contile e Giangiorgio Trissino, o poeta Marcantonio Flaminio, o linguista Annibale Caro, e os arquitetos Pierro Ligorio, Guillaume Philandrier e Giacomo Barozzi da Vignola, e o antiquário Bartolomeu Marliani.

<sup>22</sup> Sobre o tema, ver MIGLIACCIO, Luciano (org.). Cartas sobre arquitetura. Rafael e Baldassar Castiglione: arquitetura, ideologia e poder na Roma de Leão X. Campinas: Editora da Unicamp, São Paulo: Editora Unifesp, 2010. p. 36-37.

<sup>23</sup> Cf. KRUFT. Op. Cit. p. 69

<sup>24</sup> Kulawik discorre sobre as academias ativas em Roma, e demonstra que este grupo de estudiosos estava vinculado à Accademia de lo Studio de l'Architettura. KULAWIK, Bernd. Sangallo, Vignola, Palladio and the Roman «Accademia de lo Studio de l'Architettura». In: *TEMPORANEA Revista de Historia de la Arquitectura* 2, 2021. p. 58-59

<sup>25</sup> Cf. KULAWIK, Bernd. *Tolomei's Project for a Planned Renaissance – Unfinished? – In: Unfinished Renaissances? I Tatti Studies* 21,2, 2018. p. 277.

Em uma famosa carta<sup>26</sup> de 1542, Claudio Tolomei escreveu ao conde Agostino de Landi falando sobre os diferentes programas de estudos desenvolvidos pelo grupo, com o intuito de buscar apoio financeiro para a empreitada. Na carta, constam os seguintes estudos a serem desenvolvidos<sup>27</sup>:

- Comentário em latim sobre passagens de difícil compreensão do *De Architectura* de Vitrúvio;
- Lista filológica crítica de todas as versões e edições conhecidas de Vitrúvio;
- Nova edição de Vitrúvio corrigindo os erros das edições anteriores e reconstruindo todas as ilustrações perdidas, e acrescentando novas quando necessário;
- Vocabulário latino de todos os termos relevantes em latim empregados por Vitrúvio;
- Vocabulário latino de todos os termos relevantes em gregos empregados por Vitrúvio;
- Comentário crítico sobre o latim de Vitrúvio em comparação com outros autores clássicos;
- Nova edição dos dez livros de Vitrúvio em um latim aprimorado, mais correto ou clássico;
- Nova tradução de Vitrúvio para o toscano;
- Vocabulário toscano de todos os termos arquitetônicos empregados por Vitrúvio;
- Vocabulário toscano de todas as ferramentas e peças arquitetônicas mencionadas por Vitrúvio;
- Visão geral das regras arquitetônicas fornecidas por Vitrúvio comparando-as com exemplos construídos de edifícios conhecidos;
- Cronologia comentada do desenvolvimento urbano de Roma desde a *Roma quadrata*, incluindo mapas;
- Representação gráfica comentada de todos os edifícios antigos de Roma, e de alguns de fora de Roma, com planta, elevação e corte;
- Representação gráfica comentada de todas as lápides e sarcófagos antigos, como fontes para a compreensão da mitologia, da política e da história romana;
- Representação gráfica comentada de todas as estátuas;
- Representação gráfica comentada de todos os frisos, relevos e arquitraves;
- Representação gráfica de elementos arquitetônicos sobreviventes, como cornijas, portas, bases e capitéis;
- Representação gráfica de todos os vasos e objetos semelhantes;
- Representação gráfica comentada de todas as ferramentas e instrumentos antigos;
- Coleção comentada de todas as inscrições conhecidas;

<sup>26</sup> TOLOMEI, Claudio. De le lettere di M. Clavdio Tolomei, libri sette. Venice: Gabriel Giolito de Ferrari, 1547. p. 81-85. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1414919v>. Acesso em: 28 feb. 2024.

<sup>27</sup> Bernd Kulawik aponta que vários desses estudos já estavam em desenvolvimento e os associa a publicações que saíram no século XVI. KULAWIK. Op. Cit., p. 275-297.

- Lista descritiva de todas as pinturas conhecidas ou sobreviventes;
- Representação gráfica comentada de todas as medalhas e moedas conhecidas;
- Reconstrução dos edifícios antigos e máquinas hidráulicas segundo Vitrúvio e outros autores.<sup>28</sup>

Observa-se, a partir do programa de estudos proposto, duas frentes de pesquisas: o texto vitruviano e os vestígios do passado romano. Para o estudo do texto, verifica-se uma proposta ampla de estudos, que envolve, inicialmente o trabalho de estabilização do texto, a partir dos manuscritos disponíveis, passando pelo desenvolvimento de glossários, envolvendo os termos de difícil compreensão, tanto em grego quanto no próprio latim, haja vista a grande distância temporal do latim conhecido no século XVI, sendo que esses trechos, ainda, seriam objeto de comentários explicativos. Outra frente importante era a realização de ilustrações novas, mais acuradas, tanto em substituição às ilustrações originais perdidas, como ilustrações de outras partes do tratado, que auxiliassem a compreensão do texto. Esse esforço coordenado em diferentes frentes culminaria com uma edição nova do texto, comentado e ilustrado, para, assim, subsidiar uma edição traduzida, acessível a mais arquitetos.

Em paralelo, o levantamento gráfico de diversos vestígios romanos, desde ruínas de edifícios, passando por peças arquitetônicas isoladas, epígrafes, esculturas, pinturas e moedas, tem por objetivo fornecer a comprovação e exemplificação dos preceitos contidos do texto. Esses diversos levantamentos culminariam com a reconstituição de uma mapa geral da Roma antiga e de seus edifícios principais, fornecendo um catálogo de referências arquitetônicas.

Ambos os estudos, texto e vestígios romanos, coadunam-se no objetivo final desta empreitada: a compreensão das regras da arquitetura antiga, com o objetivo de replicá-las no tempo presente, em edifícios novos, cujas demandas e funções eram distintas das antigas. A reconstituição dos edifícios antigos, portanto, não visava a replicação direta desses, mas, como já afirmado, a compreensão de suas regras compositivas.

Os frutos mais conhecidos dessa empreitada são os trabalhos de Guillaume Philandrier, um humanista francês que frequentou a academia em Roma, e produziu, em 1544, uma obra de comentários sobre os termos vitruvianos (figura 04), e, em 1586, uma edição ilustrada e comentada, publicada postumamente em Lyon. Além dele, a muito difundida edição traduzida, ilustrada e comentada realizada pelo humanista Daniele Barbaro, um dos tutores e apoiadores de Andrea Palladio, que inclusive auxilia na elaboração das ilustrações desta edição, publicada em 1556 em Veneza (figura 05). O trabalho de Barbaro consiste no fechamento, em termos de trabalho com o texto vitruviano, desta grande rede de estudiosos, chegando-se a uma tradução bastante acessível e explicativa do texto, que conta, ainda, com excelentes ilustrações.

## NOVOS TRATADOS PARA UMA NOVA ARQUITETURA

Na medida em que o conhecimento a respeito do tratado de Vitruvius se expandia, e os levantamentos sobre os vestígios romanos se ampliavam, verifica-se, a partir de meados do século XVI, um direcionamento dos escritos no sentido do estabelecimento das bases de uma nova arquitetura, que se pauta em princípios referendados na autoridade dos antigos, mas que se dedica a temáticas relevantes daquele momento. Esse direcionamento é justamente o que parece indicar o programa de estudos proposto por Tolomei, que

<sup>28</sup> Adaptado a partir de KULAWIK. Op. Cit., p. 52–79.



embora incluía muitos aspectos a respeito da obra vitruviana, claramente não se constitui apenas de um olhar retrospectivo.

Nesse sentido, Sebastiano Serlio foi o pioneiro, publicando em ordem não linear seu tratado, possivelmente incompleto, a partir de 1537 (figura 06). O primeiro livro publicado, o de número IV, em Veneza, justamente apresenta a primeira codificação das cinco ordens arquitetônicas, um assunto que será retomado diversas vezes por tratadistas subsequentes, além de lidar com princípios arquitetônicos vitruvianos aliados às experiências romanas de seu tempo. Na sequência foram publicados os livros III, em 1540, que apresenta a reconstituição gráfica de obras romanas antigas, os livros I e II, em 1545, que trazem noções de geometria e de perspectiva, e o Livro V, em 1547, dedicado aos templos, todos estes últimos publicados na França. Os livros VI a VIII, dedicados a outros tipos de edifícios, públicos e privados, foram publicados apenas postumamente, a partir de manuscritos deixados pelo autor.

O tema da codificação das ordens de colunas, as quais Vitruvius intitulava gêneros, ganhou um espaço cada vez maior na tratadística do *cinquecento*. Numa abordagem distinta da vitruviana, na qual se associavam os conceitos de *symmetria*, regra modular de coordenação das partes, e de *eurythmia*, ou belo aspecto, segundo o qual a percepção do olho humano determinava ajustes, levando a soluções adaptadas e não puras em termos estritamente matemáticos, o olhar do século XVI é mais estrito no sentido do estabelecimento das regras. Esse conjunto de normas deveria ser confirmado pela observação e medição das ruínas, entretanto, o que se observou foi um contraponto, uma vez que a variedade de medidas apontava para diferentes regras, ou flexibilizações. Em que pese, também, os costumes e gostos, que levaram ao emprego de diferentes proporções de ordens de colunas em tempos e lugares distintos do mundo antigo. Os motivos dessa discrepância foram compreendidos por poucos, entre eles Alberti, que apresentou em seu tratado um sistema flexível, considerando os ajustes ópticos e de contexto necessários às obras.

Essa diferença é apontada, também, no tratado de Giacomo Barozzi da Vignola, publicado em 1562, em Roma, e em seguida na França, e que tem como tema as cinco ordens da arquitetura (figura 07). A partir da constatação de que não havia unidade no tratamento das ordens entre os vestígios antigos, os quais Vignola tinha medido e desenhado com parte de sua participação da academia, em Roma, o autor decide criar um sistema próprio, normalizando algumas medidas, e unificando o sistema a partir do cálculo de um módulo único que governa todas as medidas das demais partes, tal como apontava Vitruvius, porém sem considerar os ajustes, como propunha o autor romano. Assim, manteve-se o princípio antigo, embora com um sistema de cálculo e medidas novas, e bastante mais práticas e rápidas de serem empregadas. O tratado, por conta de sua aplicabilidade fácil, pouco texto e desenhos explicativos detalhados, teve uma fortuna enorme entre os arquitetos, sendo publicado e traduzido em vários idiomas.<sup>29</sup>

A expressão desta nova maneira de pensar a arquitetura se consolida, de forma inequívoca, com o tratado de Andrea Palladio, publicado em Veneza em 1570. Nele, o experiente arquiteto, que recebeu uma formação humanista por meio de seus tutores, primeiro Giangiorgio Trissino, e depois Daniele Barbaro, ambos plenamente vinculados com os esforços descritos acima, revisita sua própria obra, demonstrando como se apropriou dos princípios aprendidos pelos estudos e pelas visitas e medições das ruínas

<sup>29</sup> Ver SOUZA, M. L. Z. de. A repercussão na arquitetura e nas artes do Tratado das Ordens de Iacomo Barozzi da Vignola (1562). *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo* (Online), [S. l.], v. 19, p. 62-79, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/166889>. Acesso em: 28 fev. 2024.

romanas, registradas em muitos desenhos, e aplicou em obras absolutamente alinhadas com as demandas de seu tempo.

Seu tratado, organizado em quatro livros, apresenta, no Livro I, sua interpretação dos princípios antigos, de maneira bastante prática e de fácil compreensão, para, em seguida, trazer dois livros com obras suas, privadas e públicas, brevemente descritas, mas ricamente ilustradas, com plantas, cortes e elevações, todos em escala e com medidas. Fechando, o quarto livro traz os seus desenhos das antiguidades romanas, assim como referências de seu próprio século, como o Tempietto, de Bramante, demonstrando como a nova arquitetura também já se auto-alimenta de referências, assim como as suas próprias obras pretendiam ser. O tratado de Palladio, assim como os anteriores, também terá uma longa lista de reproduções, e sua arquitetura será referência para os séculos seguintes<sup>30</sup>.

Considerando, então, todos os esforços empreendidos no decorrer do século XVI, observa-se que Vitrúvio de fato teve um papel central, embora não fosse o objetivo apenas a compreensão do texto. O que se observa é que o trabalho constante a partir do texto, levou a novas proposições teóricas no campo da arquitetura, sendo a própria dificuldade de compreensão do tratado o motor desse desenvolvimento. Estabilizar o texto a partir de diferentes manuscritos, compreender os termos em grego, copiar, ilustrar, traduzir e comentar Vitruvius foi essencial para a concepção de novas ideias a respeito da arquitetura, e o campo de estudo se ampliou enormemente a partir desse trabalho desenvolvido por uma rede de estudiosos, aliando diferentes saberes e formações.

Nesse sentido, a expectativa de Vitruvius ao escrever seu tratado parece ter se confirmado muito além de apenas ser conhecido no futuro:

Eu, porém, ó César, não me dediquei ao estudo da Arte para ganhar dinheiro, pois descobri que mais vale a pobreza com boa fama do que a abundância com infâmia. Daí que eu tenha conseguido pouca celebridade. Todavia, publicados estes livros, espero vir a ser também conhecido da posteridade.<sup>31</sup>

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Leon Battista. *Da arte edificatória* (traduzido por Arnaldo Monteiro do Espírito Santo e comentado por Mário Júlio Teixeira Krüger). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

FLEURY, Philippe. Introduction. In: VITRUVIUS. *De L'architecture*. Livre I, texte établi, traduit et commenté par Philippe Fleury. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

GROS, Pierre. Un problème de la science hellénistique: le changement d'échelle. In: *Vitruve et la tradition des traités d'architecture: Frabrica et ratiocinatio*. Rome: Publications de l'École française de Rome, 2006, p. 39-48.

\_\_\_\_\_, Pierre. Vitruve: *l'architecture et sa théorie, à la lumière des études récentes*: Aufstieg und Niedergang der römischen Welt, II, 36, 1, Berlin, New York, 1982, p. 659-695.

KRINSKY, Carol Herselle. Seventy-Eight Vitruvius Manuscripts. In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*. Vol. 30. The Warburg Institute, 1967. p. 36-70.

<sup>30</sup> Sobre Palladio e a difusão do palladianismo, ver TAVERNOR, Robert. *Palladio and Palladianism*. Londres: Thames and Hudson, 1991 e WITTKOWER, Rudolf. *Palladio e il palladianesimo*. Turim: Giulio Einaudi, 1984.

<sup>31</sup> VITRÚVIO. Op. Cit. p. 220

KRUF, Hanno-Walter. *A history of architectural theory from Vitruvius to the present*. New York: Princeton, 1994.

KULAWIK, Bernd. *Sangallo, Vignola, Palladio and the Roman «Accademia de lo Studio de l'Architettura»*. In: TEMPORANEA Revista de Historia de la Arquitectura 2, 2021. p. 52–79.

\_\_\_\_\_, Bernd. *Tolomei's Project for a Planned Renaissance – Unfinished? – In: Unfinished Renaissances? I Tatti Studies 21,2, 2018. p. 275–297.*

MANENTI, Leandro. *Auctoritas & Fama: reflexões sobre o reconhecimento do arquiteto na sociedade antiga a partir do texto vitruviano*. PosFAUUSP, [S. l.], v. 30, n. 57, p. e203179, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/203179>. Acesso em: 27 fev. 2024.

\_\_\_\_\_, Leandro. *Integridade e Harmonia: princípios de beleza em Vitruvius e Alberti*. In: Mário Henrique Simão D'Agostino; Francesco Furlan; Andrea Loewen; Ana Paula G. Pedro. (Org.). *Leon Battista Alberti: Humanismo e racionalidades modernas*. 1ed. São Paulo: Annablume, 2020, v. , p. 141-170.

\_\_\_\_\_, Leandro. *The operational concepts in the Vitruvian system of design*. Revista Archai, [S. l.], n. 26, p. e02605, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/24218>. Acesso em: 28 fev. 2024.

MIGLIACCIO, Luciano (org). *Cartas sobre arquitetura. Rafael e Baldassar Castiglione: arquitetura, ideologia e poder na Roma de Leão X*. Campinas: Editora da Unicamp, São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

TOLOMEI, Claudio. *De le lettere di M. Clavdio Tolomei, libri sette*. Venice: Gabriel Giolito de Ferrari, 1547. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1414919v>. Acesso em: 28 fev. 2024.

ROMANO, Elisa. *La capanna e il tempio: Vitruvio o dell'architettura*. Palermo: Palumbo, 1987.

SOUZA, M. L. Z. de . *A repercussão na arquitetura e nas artes do Tratado das Ordens de Iacomo Barozzi da Vignola (1562)*. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), [S. l.], v. 19, p. 62-79, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/166889>. Acesso em: 28 fev. 2024.

TAVARES, André. *Vitruvius Without Text: The Biography of a Book*. Zürich: gta Verlag, 2022.

TAVERNOR, Robert. *Palladio and Palladianism*. Londres: Thames and Hudson, 1991.

VITRÚVIO. *Tratado de Arquitetura* (traduzido por M. Justino Maciel). Lisboa: Ist Press, 2006.

WITTKOWER, Rudolf. *Palladio e il palladianesimo*. Turim: Giulio Einaudi, 1984.